

Tecnologias sociais

Um dribble na crise econô

Amélia Gonzalez*
amelia@oglobo.com.br

Novas tecnologias serão um caminho sustentável para se enfrentar a crise econômica mundial, dizem especialistas. Com este viés, uma rede que comporta hoje 688 associados sugere um formato democrático e inclusivo, com soluções criadas por quem realmente será beneficiado. Trata-se da Rede de Tecnologias Sociais (RTS), que organizou o II Fórum no meio do mês de abril em Brasília.

Os temas variam, mas todas as tecnologias sociais têm como objetivo superar carências inadiáveis ou evitar desastres. Nem todos os projetos que foram apresentados no Fórum e fazem parte desta vasta Rede, no entanto, têm condições (ou mesmo necessidade) de serem fabricados em escala. E esta é a grande diferença entre uma tecnologia social e a outra, a tecnologia aplicada, criada por quem está, de longe, com a tarefa de tentar resolver questões em larga escala para o mundo inteiro.

A Minhocosa é um exemplo de tecnologia social que não tem condições de ser fabricada em larga escala mas resolve bem uma carência local. Trata-se de um sistema de compostagem doméstica, no qual minhocas convertem resíduos orgânicos em fertilizante natural. O kit (com minhocas, terra e caixa), criado pela equipe do Instituto Cooper, do Distrito Federal, pode ser comprado por R\$ 190 e é para uso doméstico. Pode parecer ligeiramente complicado lidar com terra, minhocas e adubos, mas é uma tecnologia simples e que tem agradado.

Segundo Jefferson DÁvila de Oliveira, da Fundação Banco do Brasil, uma das mantenedoras da RTS, as tecnologias sociais podem ser uma forma de driblar o modelo atual, que privilegia as tecnologias que levam ao refinamento da sociedade e consequente exclusão da maioria:

—Os bons exemplos de tecnologias



NA CONFERENCIA, um momento de confraternizações depois de debates e de exposição de casos criativos

sociais mostram os diversos estágios onde está identificada esta exclusão — disse ele.

Paralelo ao Fórum em São Paulo aconteceu a 2ª Conferência Internacional de Tecnologia Social, que reuniu alguns mantenedores da RTS para debater questões atuais. A crise econômica mundial no universo da tecnologia social foi um debate paralelo. Afinal, ao se identificar que a crise pode ser, senão superada, pelo menos amenizada por inovações tecnológicas, fica muito claro que será preciso entender, sobretudo, qual tipo de tecnologia se quer como modelo:

— Se formos usar a tecnologia que está sendo usada pela maioria, com certeza a crise não só não vai diminuir como vai aumentar. A questão é que

não estamos pensando essa crise como resposta a um modelo de desenvolvimento. Os especialistas preferem dizer que é uma crise financeira. Precisaremos de outra base tecnológica se quisermos um modelo de desenvolvimento mais inclusivo — disse Rodrigo Fonseca, analista de projetos da Finep Brasil.

Roberto Marinho, diretor do departamento de estudos e divulgação da Economia Solidária do Ministério do Trabalho, lembrou que a tecnologia social pode ser uma alternativa à crise na medida que pode ser experimentada pela própria sociedade, como no caso dos bancos comunitários:

— Cria-se uma moeda social e, com ela, um sistema financeiro solidário, com base em relações de confiança para in-

centivar o consumo de produtos que a própria comunidade produz e vende. Quando a comunidade faz alguma coisa ela está superando as dificuldades com suas próprias mãos — disse ele.

Anfitriã do evento, Larissa Barros, secretária executiva da Rede de Tecnologias Sociais, lembrou que quando foi criada, a RTS era uma proposta. Hoje ela é um fato:

— Temos muitos desafios e, por mais que tenhamos avançado, diante do que podemos avançar, ainda é pouco. Queremos envolver cada vez mais os governos estaduais.

Rede de Tecnologia Social:
www.rts.org.br

A repórter viajou a convite da RTS

mica

Rede que reúne ideias criativas para solução de problemas locais faz quatro anos e organiza Fórum



Divulgação/Idler

Fogão ecológico: menos fumaça

Depois de adotarem o fogão ecológico, uma comunidade do Ceará apresentou um resultado interessante: os hospitais apresentaram menos internações de crianças com problemas respiratórios. Com isso, o governo do Ceará decidiu investir na tecnologia social criada pelo Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Energias Renováveis (Ider) e vai financiar 22 mil unidades a serem instaladas até o fim deste ano

Divulgação/Sociedade do Sol



Aquecedores ideais para casas populares

Para tentar substituir o chuveiro elétrico, eliminando das casas brasileiras este vilão da economia energética, a ONG Sociedade do Sol desenvolveu um aquecedor solar de baixo custo, a partir de componentes hidráulicos de PVC encontrados em lojas de construção. Os custos de instalação variam de R\$ 250 a R\$ 400. É uma boa ideia para ser sugerida às construtoras envolvidas no modelo de casa popular do governo federal.

Aproveitamento total do babaçu

Com o trabalho de 12 pessoas se consegue extrair três mil litros de óleo de babaçu por dia com três maquininhas criadas pela Fundação Mussambé para aproveitamento total do coco babaçu. A primeira descasca, a segunda corta, a terceira extrai o óleo, substituindo o facão, que costumava gerar sérios acidentes e era muito menos produtivo: a cada dia, com trabalho de sol a sol, se extraía apenas mil quilos do óleo. Com as máquinas, acaba também a figura do atravessador, porque com volume de produção a própria indústria pega o produto do trabalho. No Brasil há 400 mil pessoas vivendo do babaçu.

Divulgação/Fundação Mussambé

